

RUMO A UMA ABORDAGEM DINÂMICA PARA RECONVERSÕES¹
CAMINO A UN ABORDAJE DINÁMICO PARA LAS RECONVERSIONES
TOWARDS A DYNAMIC APPROACH TO RECONVERSIONS

Monique de SAINT MARTIN²

RESUMO: Apesar de serem muitas vezes analisadas como formas de reprodução, as reconversões têm sido caracterizadas como formas de mobilidade em várias obras. Ambas opções não são estritamente contraditórias e podem ser igualmente justificadas. No entanto, parece absolutamente necessário tentar circunscrever melhor esta noção. Embora não pretenda oferecer uma definição, a autora se apoia principalmente em pesquisas sobre as elites conduzidas em diferentes contextos geográficos (França, Hungria, Rússia) e históricos, e propõe uma abordagem mais fundamentada e heurística para reconversões que também lhes permitiria ser claramente distinguidas das conversões.

PALAVRAS-CHAVE: Conversão. Desconversão. Mobilidade. Reconversão. Reprodução. Rupturas.

RESUMEM: *A pesar de que a menudo se analizan como formas de reproducción, las reconversiones se han caracterizado como formas de movilidad en varios trabajos. Ambas opciones no son estrictamente contradictorias y pueden ser igualmente justificadas. Sin embargo, parece absolutamente necesario tratar de circunscribir más esta noción. Sin pretender ofrecer una definición, la autora se basa principalmente en investigaciones sobre las élites realizadas en diferentes contextos geográficos (Francia, Hungría, Rusia) e históricos, y propone un enfoque más fundamentado y heurístico de las reconversiones, que también permitiría distinguirlas claramente de las conversiones.*

PALABRAS CLAVE: *Conversión. Desconversión. Movilidad. Reconversión. Reproducción. Rupturas.*

ABSTRACT: *Although they are often analyzed as forms of reproduction, reconversions have been characterized as forms of mobility in a number of works. Both options are not strictly contradictory and can equally be justified. However, trying to better circumscribe this notion seems utterly necessary today. Although not pretending to offer a precise definition, the author*

¹ Esse artigo foi publicado inicialmente na revista **Social Science Information**, v. 50, n. 3–4, p. 429–441, 2011 com o título *Towards a dynamic approach to reconversions*, a quem agradecemos por autorizar a publicação de uma versão em português na Revista Estudos de Sociologia (licença número 5301991174218). O texto foi traduzido para o Inglês por Kristin Couper e para o português por Jussara Úngaro.

² École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris – França. Diretora de Estudos. Membro do Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Enjeux Sociaux (IRIS). Doutorado em Sociologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0316-6703>. E-mail: smartin@ehess.fr



mainly leans on research on the elite conducted in different geographical (France, Hungary, Russia) and historical contexts, and proposes a better grounded and more heuristic approach to reconversions that would also permit them to be clearly distinguished from conversions.

KEYWORDS: Conversion. Deconversion. Mobility. Reconversion. Reproduction. Ruptures.

Introdução

O conceito de reconversão, às vezes confundido com o de conversão, tem muitas formas e significados; no momento é usado em estudos de ciências sociais e pesquisas em uma variedade de contextos e com significados muito diferentes. Portanto, os pesquisadores usam o termo para descrever a conversão ou reconversão de uma sociedade, uma instituição, uma profissão, um grupo, uma família, um indivíduo, uma “vocação” ou uma identidade. Como exemplo, essa abordagem tem sido usada para analisar a transição de um tipo de sociedade comunista para capitalista, a “conversão improvável” da *École Nationale d’Administration* para a Europa, a entrada de militares profissionais para a vida civil, a conversão de ex-campeões desportivos em empresários, militantes sindicais para o trabalho humanitário ou posições como consultores, estudantes revolucionários a administradores dóceis, para citar apenas alguns exemplos. Há um risco considerável de ver – e analisar como tal – reconversões em todas as circunstâncias, em todos os momentos e em todos os níveis e do termo se tornar um conceito abrangente.

Não é nossa intenção aqui traçar a genealogia, por mais necessária que seja, do conceito de reconversão ou apresentar a área de investigação conduzida neste domínio. Entretanto deve-se ter em mente que estudos e pesquisas sobre a conversão e reconversão de vários grupos, que começaram em particular na França durante a década de 1970, ganharam impulso após a queda do Muro de Berlim, especialmente na Europa Oriental e que o conceito se tornou relativamente comum. Desde então, o interesse diminuiu, mas as pesquisas continuam.

As reconversões muitas vezes tendem a ser analisadas como formas de reprodução, ou em outros estudos como formas de mobilidade. Além disso, essas duas alternativas não são diametralmente opostas (SZELENYI; SZELENYI, 1995) e podem ser justificadas. Entretanto, atualmente é preciso tentar circunscrever melhor o conceito. Sem pretender dar uma definição precisa, a intenção neste artigo é fazer algumas sugestões baseadas principalmente em pesquisas empíricas desenvolvidas sobre elites em diferentes contextos (principalmente na França,



Hungria e Rússia) e em diferentes períodos históricos³ sendo uma abordagem de reconversões bem fundamentada que é mais heurística, permitindo-nos distinguir entre conversões e reconversões.

As reconversões são formas de reprodução?

Para os membros de uma fração de classe, implementar uma reconversão significa conduzir “uma mudança na estratégia e nos instrumentos de reprodução destinados a reproduzir ou elevar sua posição abandonando sua situação”, como escrevemos em *Social Science Information* (BOURDIEU; BOLTANSKI; SAINT MARTIN, 1973, p. 101). Portanto, as estratégias de reconversão foram parte integrante do conjunto de estratégias de reprodução, mas não eram estratégias de reprodução enquanto tais, na medida em que sua origem era a mudança de estratégias. Pouco depois deste artigo, Pierre Bourdieu (1984) especificou que essas estratégias constituíam:

[...] um aspecto das ações e reações permanentes pelas quais cada grupo se empenha para manter ou mudar sua posição na estrutura social, ou, mais precisamente – em um estágio na evolução das sociedades de classe no qual só se pode conservar mudando – *mudar para conservar* (p. 157).

Era pois, uma questão para cada grupo envolvido manter a sua posição e não permitir qualquer alteração, a menos que isso habilitasse o grupo a garantir sua reprodução.

Por esta abordagem, as reconversões dependem em grande parte do estado das leis de herança, do mercado de trabalho, do sistema educacional, etc., e do estado de diferentes tipos de capital ou recursos econômicos, culturais, sociais e simbólicos à disposição dos diversos grupos e indivíduos e os quais desejam reproduzir. As reconversões também dependem da avaliação feita das probabilidades de lucro, da manutenção da posição que ocupam ou da perda de status, e têm um impacto considerável nas atitudes em relação ao futuro. As reconversões recorrem frequentemente à escolarização; assim, na França dos anos 1970, o capital ou os recursos econômicos dos fabricantes/industriais, atacadistas, artesãos, lojistas locais e fazendeiros eram muitas vezes convertidos em capital ou recursos educacionais⁴

³ É claro que as reconversões não são específicas das elites e são, sem dúvida, menos frequentes entre elites do que em outros grupos sociais. Pode-se até questionar se elites firmemente estabelecidas ou de longa data são capazes de se reconverter, uma vez que muitas vezes parecem pouco inclinadas ou abertas à mudança.

⁴ O artigo é centrado primeiramente nos processos de reconversão do capital econômico em capital cultural qualificado ou capital educacional, subsequentes em particular, a transformações na esfera dos negócios e do mundo rural.



O uso do recurso à reconversão para facilitar a reprodução de um grupo é particularmente visível entre os membros ou as famílias das elites econômicas e patronais. Ernest Antoine Seillière é um exemplo notável; nascido em 1937 em Neuilly-sur-Seine, em 1997 tornou-se presidente do *Conseil national du patronat français* (CNPf, Conselho Nacional do Patronato Francês que pouco depois se tornou o *Mouvement des Entreprises de France* (MEDEF) Movimento das Empresas da França). Sua história de vida e trajetória podem ser interpretadas como a história de suas tentativas de reconversão dos vários recursos que possuía, com graus variados de sucesso/realização (SAINT MARTIN, 1999). Descendente por parte de mãe de uma família importante de siderúrgicos, e por parte do pai, de uma família de banqueiros e empreendedores, enobrecida no começo do século 20, Ernest Antoine Seillière começou se empenhando em reconverter recursos econômicos e sociais em recursos educacionais. Ele estudou Direito, formou-se no *Institut d'études Politiques* em Paris e depois na ENA (*Ecole Nationale d'Administration*), investindo em estudos e acumulando diplomas. Testemunhamos, então, que como graduado da ENA, tornou-se membro de vários gabinetes ministeriais, um alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Ministry of Foreign Affairs*) e, após nove anos no serviço público superior e gabinetes ministeriais, desistiu da carreira de diplomata para se tornar diretor de um grupo financeiro familiar, o CGIP (*Compagnie générale d'industrie et de participations*), que estava em dificuldade na época; na ocasião, ele tornou-se presidente e diretor administrativo desse mesmo grupo. Por fim, houve ou uma diversificação de investimentos ou uma tentativa de reconversão de recursos econômicos em recursos políticos; como presidente e diretor administrativo de uma importante instituição financeira, tornou-se presidente da CNPF e se propôs a desempenhar um papel político em um momento em que esta organização estava passando por um período de crise e divisão⁵.

Embora seja possível analisar a trajetória de Ernest-Antoine Seillière revelando suas várias tentativas de reconversão de recursos sociais, educacionais ou econômicos, precisamos admitir que é realmente uma forma sutil e disfarçada de reprodução de sua posição, e da de sua família e de seu grupo, mas que não se apresenta como tal. Além disso, observamos que essas reconversões não foram de fato concluídas; Seillière nunca abdicou dos investimentos feitos ou recursos anteriormente acumulados. Uma reconversão completa teria, por exemplo, pressuposto que ele renunciasse à herança simbólica e familiar para se tornar um funcionário

⁵ O que chama a atenção no caso de Ernest-Antoine Seillière é a acumulação e a gestão sensata de um capital considerável ou rede de relações diversificadas.



público de alto nível, um servidor do Estado, ou que desistisse da CGIP para se tornar presidente do CNPF.

Pelo contrário, o que vemos é uma série do que propomos chamar de reconversões incompletas, ou uma forma reconvertida de conservadorismo que lhe permite ampliar seu campo de ação, enquanto evita rupturas claras e grandes riscos.

Algumas formas ou modos de deixar o serviço público para trabalhar no setor privado (uma prática conhecida como '*pantouflage*' em francês) que é mais lucrativo que o serviço público – especialmente no caso de funcionários públicos de alto nível, engenheiros de minas, funcionários da Inspeção Geral de Finanças e outros membros de grandes corporações administrativas de Estado (*grands corps de l'Etat*), que se beneficiam dos vários arranjos que permitem que servidores saiam do serviço público, podem ser analisados como tentativas incompletas de reconversão de um capital de um determinada tipo educacional e administrativa para um capital econômico. Mudar do funcionalismo público para o privado no meio da carreira é, indubitavelmente, a forma que melhor se presta a essas análises (CHARLE, 1987), particularmente quando se trata de um movimento final, ocasionando uma demissão do serviço civil (no entanto, tais casos são extremamente raros). Tais movimentos implicam uma reorientação de carreira e uma forma de rejeição das perspectivas profissionais oferecidas pelo serviço civil, e não são um fenômeno simples ou de mão única. O significado tem mudado através dos anos, dependendo, em particular, de se tratar de uma fração do grupo ou de estar se tornando a norma, como tem sido o caso dos quase últimos 20 anos, para os funcionários da Inspeção Geral de Finanças e do *Corps des Mines*, os dois grupos mais envolvidos (JOLY, 2010).

Na grande maioria dos movimentos do setor público para o privado ("*pantouflage*") por servidores públicos de alto nível, trata-se, sem dúvida, de caminhos bem trilhados, reconversão incompleta e uma forma de reprodução. Os servidores públicos de alto nível que ingressam na administração de grandes empresas privadas não desistem dos recursos administrativos que acumularam e nem sempre jogam estritamente pelas regras das empresas privadas. Além disso, na maioria das vezes, as elites econômicas e administrativas envolvidas em reconversões param no meio do caminho, por assim dizer, e preferem assumir várias posições ou poder ir e vir entre o ponto de partida e a linha de chegada.

No entanto, durante períodos de importantes mudanças políticas, sociais ou econômicas, o incentivo à reconversão torna-se mais forte, inclusive para membros das elites, que podem tentar garantir a reprodução de sua própria posição em primeira instância, a menos que prefiram



distanciar-se do processo de reprodução e assim lucrar por serem diferentes de seus pares e de seguir caminhos menos bem-trilhados.

Após a *perestroika* e a Queda do Muro de Berlim, muitos casos de reconversão de recursos educacionais em recursos econômicos ou de recursos burocráticos em recursos econômicos foram observados por exemplo, na Rússia, com a mudança, envolvendo graus de risco variáveis, de ex-membros da *nomenklatura* a grandes empresas em processo de privatização. Algumas dessas reconversões de ex-membros da *nomenklatura* em empreendedores privados têm sido analisados como uma forma de reprodução. A política de reformas econômicas e o modelo de privatização implementado durante o primeiro estágio nas reformas facilitaram efetivamente um processo que tem certas semelhanças com formas de reprodução da *nomenklatura*. Na Rússia, foi dada prioridade à reconversão de ex-membros da *nomenklatura* que se tornaram novos empreendedores e de seus recursos burocráticos em recursos econômicos, colocando em desvantagem a maioria dos “recém-chegados” ao campo econômico. Isso é demonstrado na pesquisa conduzida em 1991 com base em uma pesquisa exploratória usando entrevistas em profundidade com empresários (CHMATKO; SAINT MARTIN, 1997).

Apesar do mercado de trabalho russo ter sido drasticamente perturbado depois de 1989, não houve nenhuma mudança revolucionária concomitante na distribuição de cargos entre os dominantes e os dominados. Pôde-se observar na época um processo de reconstrução das elites e sua auto-reconversão em novas elites pós-soviéticas. Muitas das ex-elites entraram nos negócios e privatizaram empresas, mas também entraram na política. Essas reconversões de ex-membros da *nomenklatura* eram frequentemente acompanhadas do desenvolvimento do “comércio intra-Estatal”, que tomou a forma de uma corrupção quase aberta (RADAIEV, 1995).

Após 1989, foram realizados numerosos estudos e pesquisas de ex-elites em diferentes países outrora comunistas, com base em grandes amostras de elites políticas, econômicas e culturais. Estes, frequentemente tinham uma dimensão comparativa e concentravam-se nas origens e nos destinos dessas elites, revelando diferentes formas de reprodução ou mobilidade e permitindo-nos compreender as várias formas e modos de reconversões e a lógica para tomadas de decisões. Mink e Szurek (1999), com base numa grande compilação de histórias de vida de membros das elites, analisaram as “conversões” de comunistas na Europa Oriental. Eles fazem uma distinção entre as razões de livre escolha (a situação polaca e húngara), necessidade (situação checa) ou situações intermediárias “entre escolha, necessidade e oportunidade” (o caso de alguns empresários poloneses) (MINK; SZUREK, 1999). No entanto, uma avaliação



geral dessas pesquisas e estudos sobre as conversões e reconversões das elites pós-comunistas,⁶ incluindo a China, apesar de indubitavelmente necessária, está além do escopo deste artigo.

As reconversões são formas de mobilidade?

Como vimos, as elites não são exceção à desestabilização crescente das posições sociais e profissionais. O aumento da mobilidade profissional e geográfica dos dirigentes de grandes empresas ou instituições internacionais, da mobilidade social descendente, da instabilidade das carreiras e do risco de testemunhar a criação, no seu meio ou externamente, de fronteiras que desagregam, contribui para esta relativa instabilidade. O deslocamento das elites crescente no campo social e pode estar na origem de reconversões; deslocamentos podem ser desencadeados por grandes mudanças políticas (Queda do Muro de Berlim, descolonização) ou por mudanças mais estruturais (nas formas de propriedade, nos modos de reprodução, quebra de estruturas de poder) com a renúncia de posições estabelecidas e adesão a novos setores. Bourdieu (1984) havia observado a extensão dessas transferências no campo social e estava particularmente interessado nas “transferências transversais”, indicando uma mudança de um campo para outro, que pressupõe a reconversão de um tipo ou subtipo de capital em outro, e, deste modo, uma mudança na estrutura dos bens (pessoais). Mas, na opinião do autor, isso não constitui mobilidade, um conceito do qual Bourdieu (1984) desconfiava profundamente. Segundo Bourdieu (1984), o “espaço social” não tinha ‘nada em comum com o espaço irreal e ao mesmo tempo ingenuamente realista de estudos da chamada “mobilidade social”, guiados pelo que Bourdieu chamou de “ingenuidade positivista”, que confundia movimentos verticais – ascendentes e descendentes –, no mesmo campo – o professor de escola tornar-se professor universitário, ou o pequeno empresário um importante gestor – e movimentos transversais, envolvendo a mudança de um campo para outro, quando os professores de escola ou seus filhos tornarem-se pequenos empresários ou capitães de indústria’ (BOURDIEU, 1984, p. 131).

Karady (1995) não demonstra a mesma reticência em relação ao conceito de mobilidade; analista de situações de profunda mudança, o autor vê o problema da ‘conversão de classe das elites’ como uma ‘forma especial de mobilidade social que ocorre quando os grupos em questão – não podendo mais assumir suas funções anteriores ou não tendo mais interesse nelas – optam por novos papéis públicos, seja na esfera econômica propriamente dita falando ou “ na esfera

⁶ Foi feita uma síntese muito útil que se baseia principalmente em pesquisa científica sociológica e política realizada na Polónia (HEURTAUX, 2000). Traduzido por Kristin Couper; aqui designada por ‘tr. KC’.



política, intelectual ou profissional. Conversões deste tipo na maioria dos casos não se referem a todo o grupo, mas apenas à fração de seus mais altamente motivados ou mais interessados em se restabelecer em novos cargos” (KARADY, 1995, p. 87)⁷.

Karady (1995) faz uma distinção entre mobilidade circular e mobilidade estrutural. Mobilidade circular ocorre quando um agregado dominante substitui outro, por exemplo, a chegada ao poder de um novo conjunto de líderes após o antigo grupo ter perdido as eleições (uma permutação), ou ainda quando uma aristocracia reinante de uma religião é substituída por aristocracia de outra depois de uma guerra religiosa, enquanto a mobilidade estrutural ocorre quando conversão é parte de uma mudança geral na estrutura social. Ele também considera apropriado diferenciar entre ‘situações que têm o efeito de forçar ou empurrar elites na direção da conversão – a força é demonstrada quando as funções sociais ocupadas pelos grupos em questão tornam-se obsoletas e sua base material se desintegra ou colapsa’ – e ‘circunstâncias socio-econômicas que representam primeiramente novas oportunidades para as elites que tendem a atraí-las’ (KARADY, 1995, p. 87-88) (tr. KC). A diferença nem sempre é óbvia e muito frequentemente os dois efeitos se combinam, e conseqüentemente pode ser difícil apontar quem tem a vantagem. No entanto, de acordo com Karady (1995), o efeito de atração vence o dia em que novas funções se abrem para alguns membros de uma elite garantindo-lhes maiores chances de sucesso do que em sua posição anterior. Parece ter sido o caso do estudo realizado por Karady (1995) sobre a reconversão da aristocracia fundiária em burocracia política na Hungria no final do século XIX e início do século XX. Incapaz de modernizar seu comportamento econômico e gastos excessivos habituais, parte da aristocracia foi arruinada. Naquele momento, o Estado representou uma proposta relativamente atraente subsequente à sua modernização, que acelerou após o Compromisso Austro-Húngaro em 1897, e com o aumento de empregos remunerados no serviço público.

A reconversão de vários descendentes da burguesia Judaica comercial, industrial ou financeira (classes baixa, média e alta) e também membros das profissões liberais e profissionais, que sobreviveram ao genocídio, no aparelho estatal stalinista em vários níveis (1945-1956) é outro caso estudado por Karady (1995). A atração do comunismo, que parecia ser um regime libertador, combinado com a abertura do serviço público, anteriormente fechado a eles, e o efeito de rejeição ou constrangimento causado pelo ‘estado de frustração’ dos poucos

⁷ Traduzido por Kristin Couper; aqui designada por ‘tr. KC’.



sobreviventes, que haviam sido privados de seus direitos humanos mais elementares (KARADY, 1995).

Depois de 1989, as pesquisas sobre os processos de transformação pós-comunista têm muitas vezes focado na questão de saber quem tinha tido mobilidade socialmente, de forma ascendente, e quem havia perdido status após a saída da antiga nomenklatura, reforçando assim a mobilidade implicada pelas reconversões. Assim, pesquisas realizadas na República Tcheca demonstraram que ser membro do Partido Comunista e pertencente ao grupo de oficiais (quadros) aumentou significativamente os riscos de mobilidade social descendente e teve pouco impacto na oportunidade de mobilidade social ascendente. Apesar disso, são estes dois grupos, em particular os oficiais (quadros), que têm as melhores chances de reverter seu capital político e social acumulado em poder econômico e de entrar no mundo dos empresários (MATEJU; REHAKOVA, 1994).

De forma mais geral, os fatores que podem promover reconversões incluem o aumento da mobilidade estrutural e migrações⁸, a globalização da economia, a internacionalização de intercâmbios estrangeiros, econômicos, científicos e culturais, a transformação do papel e funções dos Estados centrais, mas também o aumento do risco e da incerteza em vários níveis. As oportunidades e as posições de reconversão também aumentam com o desenvolvimento de organizações internacionais e transnacionais, a internet e a informação e tecnologias de comunicação e o número crescente de comissões e comitês de especialistas, entre outros.

A diversidade de recursos parece ser um valor crucial crescente nas reconversões. O que facilita as conversões não é tanto o nível de recursos, mas sua composição e variedade, incluindo a experiência de ter vivido no exterior e uma extensa rede de contatos. A frequência de instituições estrangeiras por períodos de duração variável durante a formação universitária, tanto no país de origem ou mais frequentemente no exterior, particularmente nos Estados Unidos, é uma prática em rápida expansão que promove reconversões. O processo de internacionalização das carreiras de líderes políticos e elites proporciona frequentemente, no início, uma chance de ascensão ou promoção de atores sociais que não estavam entre os altamente privilegiados; subsequentemente promove reconversões, inclusive aquelas de antigos dirigentes de grandes ONGs (organizações não governamentais) que se tornam diretores de multinacionais (DEZALAY; GARTH, 2005). Mas essas reconversões somente podem ser

⁸ Analisando as trajetórias sócio-espaciais da burguesia comercial em Marselha, Pierre Paul ZALIO analisa as ligações entre reconversões sociais e padrões residenciais (ZALIO, 1999, p. 237).



compreendidas se considerarmos as reações e, em último caso, as contra-ações de outros grupos e classes, ou mesmo das contra-elites nos casos estudados por Szelenyi e Szelenyi (1995).

Rupturas, mobilização de recursos e processos de reconstrução

Entretanto, as reconversões não podem ser entendidas unicamente como formas de reprodução, nem como formas de mobilidade ou circulação associadas a diferentes restrições ou à atração exercida pela abertura de novas possibilidades. Nem são elas uma simples transferência no tipo de capital ou recursos de um espaço (econômico, político, social) para outro. É o momento, como Wesolowski (1999) sugeriu, de virar a página do estudo das reconversões, ao menos no que se refere às transformações ocorridas nos países do Leste Europeu após 1989? Ou deveríamos, em vez disso, tentar melhorar nossa definição e dar mais força explicativa ao conceito – não estabelecendo limites absolutos de reconversão, mas sim revelando as perspectivas mais relevantes, como os autores do livro *Reconversions militantes* (TISSOT; GAUBERT; LECHIEN, 2006) fizeram recentemente?⁹

Movimentos de reconversão nunca são lineares e não são o resultado de uma decisão única. Eles geralmente são apresentados como uma série de eventos, circunstâncias, passos, encontros e às vezes rupturas, e os atores envolvidos nesses processos dinâmicos muitas vezes se sentem em uma posição contraditória, divididos entre vários mundos que tentam reconciliar negociando compromissos.

Portanto, o processo de reconversão de ex-membros da nomenklatura em empresas Russas ou em associações não se organizava em torno de uma única lógica; pelo contrário, assistimos a adaptações, compromissos e reconfigurações (CHMATKO; SAINT MARTIN, 1997). Os atores sociais muitas vezes reconstruíram ou reutilizaram velhas organizações e instituições (STARK, 1996)¹⁰, participando da implementação de um novo tipo de economia que não é nem Socialista nem, propriamente falando, uma economia de mercado, levados a posições contraditórias e usando as várias possibilidades abertas a eles. Enquanto alguns criaram novas posições ou novas atividades para investir seus vários recursos de forma eficiente e lucrar econômica e simbolicamente com eles, outros apenas tentaram manter a mesma posição social, fazendo as adaptações necessárias.

⁹ Esta publicação coletiva clama por um deslocamento do olhar sociológico e pela observação de práticas de ‘transição’ ou de ‘desintegração’ de uma postura – seja ela política, econômica, artística, moral e profissional – levando a uma nova ‘postura’.

¹⁰ Stark (1996) analisa como no contexto pós-socialista os atores reconstróem as organizações e instituições não ‘sobre as ruínas, mas com as ruínas’ do comunismo, o que não significa repetição.



As reconversões indicam um movimento de algum tipo no campo social, característica que as diferencia das conversões; essas são um processo de mudança radical e total que é até certo ponto gerenciado (LE PAPE, 2010). As reconversões também implicam a renúncia ou a perda do antigo tipo de recurso, um modo de ruptura com a herança, o desaparecimento dos antigos recursos e sua recomposição em diferentes bases. Acima de tudo as reconversões implicam em uma mobilização de recursos, e uma contínua atenção a esses recursos. A mobilização e a atividade em torno desses recursos produzem ‘um novo mundo’ que não é pré-determinado. Uma das próximas considerações se torna aquela dos diferentes modos de valorizar os recursos (DOBRY, 1986).

Nas reconversões mais completas, reconstruções ou recomposições de identidades (mudanças que afetam as formas de pensar e ser) também acontecem. A extensão dessas recomposições de identidade é enfatizada na análise das ‘reconversões militantes’ (TISSOT; GAUBERT; LECHIEN, 2006). Dúvidas são frequentemente expressas, inclusive entre aqueles a quem Mink e Szurek (1999) se referem como os convertidos, dúvidas que testemunham a dificuldade de se mover repentinamente de um mundo para outro, particularmente no caso dos ex-comunistas da Europa Oriental. A recomposição da identidade de alguém pode depender “da habilidade ou da agilidade ideológica com que se cai nas novas armadilhas da social-democracia” (MINK; SZUREK, 1999, p. 217) (tr. KC).

Indubitavelmente, o conceito de reconversão só deve ser utilizado em situações em que haja uma ruptura completa com a herança anterior, com os recursos anteriormente detidos e, portanto, um grau de imprevisibilidade, a dissolução de recursos anteriores, daí a sua recomposição em bases diferentes e a reconstrução de uma identidade. Nesses casos, as reconversões podem parecer razoavelmente comparáveis às bifurcações (BESSIN; BIDART; GROSSETTI, 2010), na medida em que a ideia de uma ruptura – com uma herança, o passado ou atividades anteriores – é tão central para a análise de bifurcações quanto para a análise de reconversões. Porém, a análise das reconversões totalmente alcançadas leva mais em conta os processos e diferentes recursos possuídos pelos atores do que o faz a análise de bifurcações, nas quais uma atenção considerável é dada aos eventos que desencadeiam as coisas e às sequências da ação.

Na época da Revolução de 1917 na URSS, a ruptura com o passado era inegável, inclusive entre as antigas elites e uma fração da antiga aristocracia. Pesquisa desenvolvida sobre as trajetórias de ex-aristocratas após a Revolução de 1917 na URSS levou essa ruptura em consideração; as histórias de vida coletadas e reconstruídas por Sofia Tchouikina revelam



sequências de eventos muitas vezes imprevisíveis e difíceis de imaginar a priori (SAINT MARTIN; TCHOUIKINA, 2008). Quase todos os ‘*ci-devant nobles*’¹¹ ou ex-aristocratas, homens e mulheres que permaneceram na URSS depois de 1917 tentaram uma reconversão em um ponto ou outro. Essas tentativas foram, na realidade, feitas sob ameaça e difundidas – o que sem dúvida, as tornou mais difícil. De repente, milhares de pessoas se viram expulsas de suas terras ou suas propriedades, enfrentando a obrigação de encontrar um emprego regular – algo que às vezes nunca tivessem imaginado – e tiveram que se tornar trabalhadores soviéticos. Os recursos dos quais a aristocracia dependia até então, em particular seus nomes, títulos ou reconhecimento, foram brutalmente desconsiderados e podiam até ser perigosos ou uma desvantagem, enquanto outros recursos não eram mais acessíveis a eles, como suas propriedades das quais já não conseguiam mais nada.

As tentativas de reconversão tiveram que ser feitas com pouco conhecimento das possibilidades; uma nova estrutura social estava sendo elaborada, mudanças tiveram um impacto em todos os grupos da sociedade russa e era muito difícil ter uma visão geral, precisa. Certamente, essas reconversões não eram evidentes; os freios e obstáculos impostos de fora foram muito numerosos dadas as mudanças políticas, perseguições, expurgos e ondas de prisões e planos possíveis nunca podiam ser elaborados por qualquer espaço de tempo; além disso, um número considerável de antigos aristocratas emigraram e muitos morreram.

Para os ex-aristocratas que permaneceram na URSS, a diversificação de seus conhecimentos como amadores e o alcance de suas relações sociais e capital cultural foram recursos frequentemente mobilizados. Em especial, foi nas atividades culturais, em alguns enclaves ou profissões de nicho, que lhes permitiu estar o mais longe possível do controle do Estado, que muitos deles conseguiram obter empregos por períodos de tempo variados; estes em velhas escolas, museus, teatros, ópera, orquestras, imprensa, universidades, várias instituições culturais, parques e jardins onde foram professores, atores, cantores, guardiões, contadores, escriturários ou (para mulheres) datilógrafos. O que impeliu ex-aristocratas que ficaram na URSS a procurar uma variedade de empregos e mudar de emprego com frequência, se necessário, era sua representação do presente, e especialmente do passado, inseparável de suas representações do grupo e do país. Isso foi tão importante quanto – talvez mais importante do que – os recursos ou conhecimento em que eles às vezes podem confiar, e os levou a

¹¹ ‘*Ci-devant*’ ou ‘atrasado’ (‘pessoas do passado’ ou *byvsie* em russo) era a designação oficial dos representantes das “classes exploradoras de antigamente” tomadas como um todo. Havia ex-nobreza, ex-membros do clero, proprietários, etc. (FITZPATRICK, 1993).



multiplicar suas tentativas de reconversão, ou os impediu em seus esforços. A reconversão de fato indicava que a ideia do futuro como a continuidade do passado tinha que ser abandonada; deveria haver aceitação da ideia de que um retorno à velha ordem e a transmissão de status não era mais possível, compromissos tiveram que ser feitos e as pessoas aprenderam a viver uma vida dupla. Era quase impossível para os antigos aristocratas recuarem para o passado; a história de família, outrora gloriosa, sua valorização cotidiana servindo para manter as redes de contato, tornou-se um estigma e teve que ser esquecido na medida do possível.

Alguns entre esses antigos aristocratas, provavelmente a maioria deles, realizaram uma reconversão profissional, mas mantiveram o sentimento de ser diferente de outros grupos e sua associação com o passado e foram, de certo modo, semi-reconvertidos; outros, a quem se pode referir como “aristocratas soviéticos”, romperam completamente com o passado e círculos da antiga aristocracia, sentiram-se totalmente soviéticos e foram integrados ao novo mundo soviético; no entanto outros, apegados ao passado, não esperavam nada do presente, não se reconverteram profissionalmente e estavam muitas vezes em declínio total.

O que levanta a maioria das questões do ponto de vista sociológico é a situação dos ‘aristocratas soviéticos’ que de várias maneiras demonstraram sua lealdade ao sistema soviético, sua fé no futuro e que desejavam ser parte integrante do novo sistema soviético. A situação desses ‘aristocratas soviéticos’, bem como a dos descendentes de Judeus burgueses que sobreviveram à Shoah e que se tornaram parte do aparato estatal de Stalin na Hungria entre 1945 e 1956, e de outros acima referidos, leva-nos a considerar o processo que é o inverso da reconversão, especialmente a desconversão.

A desconversão pode ser vista no “aparecimento de formas aleatórias de conduta produzidas pela interação simultânea de processos antagônicos”, observa Robert Castel (1995, p. 80-87)¹², que sugere esse conceito ao analisar “as metamorfoses da questão social”. Ele recorda as transformações da sociedade feudal no século XVI, a abertura de uma “zona de turbulência” seguindo a Peste Negra e a mobilidade desregulada de pessoas pobres coexistindo com a rigidez das estruturas organizacionais (CASTEL, 1995). O contexto contemporâneo é sem dúvida muito diferente; no entanto, nas situações em que as trajetórias se tornam

¹² Robert Castel observa que após a Peste Negra “abriu-se uma zona de turbulência que não era mais controlada pelas estruturas tradicionais, sem que elas realmente perdessem o controle”. Nesse ponto se via “uma circulação acelerada de terras, bens e homens e um modo de relações estruturantes que procuravam reforçar o seu domínio tradicional”. Ele também especifica que tomou emprestado o termo “desconversão” de Philip Rieff (1968), que o usa para descrever a passagem de sistemas de regulação rígida para organizações sociais nas quais o indivíduo não é mais organicamente vinculado às normas e deve contribuir para a constituição de sistemas regulatórios (CASTEL, 1995, p. 82-87).



imprevisíveis, onde a reprodução das antigas elites já não é assegurada, quando as antigas elites hesitam em seguir os caminhos que lhes são oferecidos e às vezes recusam estas reconversões, não seria aconselhável estar atento ao surgimento de processos de desconversão, não tanto de uma sociedade como um todo, mas de indivíduos e grupos ou frações?

Quando há uma repentina e violenta ruptura nos planos de carreira, e quando os antigos recursos são tão desacreditados e até contraproducentes que não podem ser convertidos, os processos podem surgir produzindo um efeito de adiamento, separação e falta da ideia exata de uma possível conversão. Esses processos poderiam ganhar impulso em períodos de violenta crise econômica, política e social, quando o Estado se retira por um tempo indeterminado, e há uma perda de orientação e um aumento de formas de comportamento imprevisíveis e aleatórias. Nessas situações limítrofes, não deveríamos explorar a relevância desse conceito de desconversão, que vai além da desclassificação social? Maurice Halbwachs (2002) descreve a desclassificação social como o fato de se mudar de um grupo que se conhece, entre pessoas que te respeitam, para outro que não te conhece e cujo respeito não há razão para desejar (HALBWACHS, 2002). Se assim for, então a desconversão após uma ruptura econômica, política e social muito violenta com o passado, seria um movimento de um grupo ou um lugar conhecido para uma zona de turbulência, onde quase não há indicadores a partir dos quais se reconhece o grupo ao qual pertence, os recursos anteriores para todos os efeitos e propósitos não são mais válidos, os conflitos entre vários mundos tornam-se intoleráveis e os antigos projetos de reconversão já não são mais possíveis.

A problemática das reconversões é, sem dúvida, mais criativa quando aplicada em uma situação dada a indivíduos e grupos que são estritamente limitados; pode ser menos relevante quando são feitas tentativas de implementá-la para explicar mudanças na vida de grandes grupos (instituições, sociedades)¹³. Mas a análise não pode lidar apenas com os sucessos de atores ou pequenos grupos; deve também levar em consideração aqueles que são os “perdedores” em períodos de mudança, aqueles que vivenciam uma recessão social ou que são deixados de lado e aqueles que não participam do processo, excluídos ou auto-excluídos, bem como as reações de membros de outros grupos. Nem é possível contentar-nos com critérios absolutos ou limiares absolutos de reconversões bem-sucedidas ou totalmente alcançadas. Parece mais apropriado explorar a grande variedade de planos de carreira e trajetórias¹⁴

¹³ Esta conclusão concorre com uma das conclusões de Alain Dewerpe quando o autor examina o conceito de estratégia em Bourdieu (DEWERPE, 1996).

¹⁴ Para um exemplo de estudo sobre a variedade de situações individuais e planos de carreira, veja a tese de Svetlana Dimitrova (2010) sobre intelectuais búlgaros. Isso inclui uma análise de planos de carreiras de intelectuais búlgaros



seguidas durante as reconversões, em particular, os caminhos seguidos por aqueles que estão em situação intermediária, a menos que haja uma infinidade de caminhos individuais que desafiem qualquer regra ou regulamento. A análise dos modos dessas reconversões, examinando as experiências individuais e as possibilidades do surgimento de processos de desconversão, é, no entanto, necessária.

AGRADECIMENTOS: Gostaria de agradecer a Svetlana Dimitrova, Mihai Dinu Gheorghiu, Juliette Rennes e Anne Rocha Perazzo, que leram a primeira versão deste artigo, por suas úteis observações, sugestões e comentários. Agradecimentos especiais vão para Kristin Couper por sua tradução em inglês e a Jussara Ungaro por sua tradução para o português.

REFERÊNCIAS

BESSIN, M.; BIDART, C; GROSSETTI, M. **Bifurcations**: Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement. Paris: La Découverte, 2010.

BOURDIEU, P. **Distinction**: A Social Critique of the Judgement of Taste. Translation: Richard Nice. London: Routledge and Kegan Paul, 1984.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L.; SAINT MARTIN M. Les stratégies de reconversion. **Social Science Information**, v. 12, n. 5, p. 61–113, 1973. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/053901847301200503>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CASTEL, R. **Les métamorphoses de la question sociale**. Paris: Fayard, 1995.

CHARLE, C. Le pantouflage en France (vers 1880 – vers 1980). **Annales: Economies, Sociétés, Civilisations**, v. 42, n. 5, p. 1115–1137, 1987. Disponível em: https://www.persee.fr/docAsPDF/ahess_0395-2649_1987_num_42_5_283438.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

CHMATKO, N.; SAINT MARTIN, M. Les anciens bureaucrates dans l'économie de marché en Russie. **Genèses**, n. 27, p. 88–108, 1997. Disponível em: https://www.persee.fr/docAsPDF/genes_1155-3219_1997_num_27_1_1449.pdf. Acesso em : 10 nov. 2020.

DEWERPE, A. La 'stratégie' chez Pierre Bourdieu: Notes de lecture. **Enquête**, n. 3, p. 191–208, 1996. Disponível em: <https://journals.openedition.org/enquete/533>. Acesso em: 16 fev. 2021.

que entraram na política depois de 1989; entrando em uma arena que consideram sua por direito, estes não quiseram abrir mão de seu capital intelectual. Contudo, entrar diretamente na política leva à perda de capital intelectual. Temendo a perda de um capital que estava comprometido no início, esses intelectuais parecem ter preferido permanecer amadores na política.



DEZALAY, Y.; GARTH, B. Les ONG au service de la mondialisation? Connivence des élites internationalisées. **Le Monde Diplomatique**, Paris, 2005. Disponible em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2005/06/DEZALAY/12498>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DIMITROVA, S. **Raisons de dire, façons de faire**: Intellectuels en Bulgarie post socialiste 1989–2009. Paris: EHESS, Doctoral thesis, 2010.

DOBRY, M. **Sociologie des crises politiques**. Paris: Presses de la FNSP, 1986.

FITZPATRICK, S. Ascribing class: The construction of social identity in Soviet Russia. **The Journal of Modern History**, v. 65, n. 4, p. 745–771, 1993. Disponible em: <https://www.jstor.org/stable/2124540>. Acesso em: 12 mar. 2021.

HALBWACHS, M. **Les causes du suicide**. Préface de Serge Paugam; avant-propos de Marcel Mauss. Paris: PUF, 2002.

HEURTAUX, J. Sciences sociales et postcommunisme: La sociologie polonaise des élites politiques. **Revue d'études comparatives Est–Ouest**, v. 31, n. 2, p. 49–100, 2000. Disponible em: https://www.persee.fr/doc/receo_0338-0599_2000_num_31_2_3026. Acesso em: 1 nov. 2020.

JOLY, H. **Les carrières des ingénieurs du corps des Mines et des inspecteurs des Finances en entreprises**: Une analyse comparée depuis 1970. Paris: Journées d'études sur les élites économiques en France et en Europe, 2010.

KARADY, V. La conversion socio-professionnelle des élites: Deux cas historiques en Hongrie. In: BROADY, D.; SAINT MARTIN, M.; PALME, M. (eds.). **Les élites**: formation, reconversion, internationalisation. Paris: Institute of Education/CSEC, 1995.

LE PAPE, L. Tout change, mais rien ne change. Les conversions religieuses sont-elles des bifurcations? In: BESSIN, M.; BIDART, C.; GROSSETTI, M. **Bifurcations**: Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement. Paris: La Découverte, 2010.

MATEJU, P; REHAKOVA, B. Une révolution pour qui? Analyse sélective de modèles de mobilité intragénérationnelle entre 1989 et 1992. **Revue d'études comparatives Est–Ouest** v. 25, n. 4, p. 15–31, 1994. Disponible em: https://www.persee.fr/doc/receo_0338-0599_1994_num_25_4_2694. Acesso em: 17 dez. 2020

MINK, G; SZUREK, J. C. **La grande conversion**: Le destin des communistes en Europe de l'Est. Paris: Seuil, 1999.

RADAEV, V. Les facteurs de renouvellement des couches supérieures dans la société russe post soviétique. In: BROADY, D.; SAINT MARTIN, M.; PALME, M. (eds.). **Les élites**: Formation, reconversion, internationalisation. Paris: CSEC; FUKS, 1995.

RIEFF, P. **The Triumph of Therapeutic**: The Uses of Faith after Freud. New York: Harper and Row, 1968.



SAINT MARTIN, M. Des maîtres de forges à la présidence du CNPF: Une nouvelle figure de patricien? *In*: PETITFRERE, C. **Construction, reproduction et représentation des patriciats urbains de l'Antiquité au XX^e siècle**. Tours: CEHVI, 1999.

SAINT MARTIN, M.; TCHOUIKINA, S. La noblesse russe à l'épreuve de la Révolution d'Octobre: représentations et reconversions. **Vingtième siècle: Revue d'histoire**, v. 99, 3, p. 105–128, 2008. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2008-3-page-104.htm>. Acesso em: 12 jun. 2021.

STARK, D. Recombinant property in East European capitalism. **American Journal of Sociology**, v. 101, n. 4, p. 993–1027, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2782236>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SZELENYI, I.; SZELENYI, S. Circulation or reproduction of elites during the postcommunist transformation of Eastern Europe: Introduction. **Theory and Society**, v. 24, n. 5, p. 615–638, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Szonja_Ivester/publication/226274956_Circulation_or_reproduction_of_elites_during_the_postcommunist_transformation_of_Eastern_Europe_-_Introduction/links/551845f30cf29ab36bc4d127/Circulation-or-reproduction-of-elites-during-the-postcommunist-transformation-of-Eastern-Europe-Introduction.pdf. Acesso em: 3 dez. 2020.

TISSOT, S.; GAUBERT, C.; LECHIEN, M. H. **Reconversions militantes**. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2006.

WESOLOWSKI, W. **Theoretical aspects of elite research in post-communist societies**. Mogilany: The Second Generation of Democratic Elites in Eastern and Central Europe', 1999.

ZALIO, P. P. **Grandes familles de Marseille**: Enquête sur l'identité économique d'un territoire portuaire. Paris: Belin, 1999.

Como referenciar este artigo

SAINT MARTIN, M. Rumo a uma abordagem dinâmica para reconversões. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. 00, e022009, jan./dez. 2022. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27i00.16763>

Submetido em: 22/03/2022

Revisões requeridas em: 06/05/2022

Aprovado em: 10/06/2022

Publicado em: 30/06/2022

